

Destaque Estudantes estrangeiros em Portugal



Alunos da China e da Ucrânia saem-se melhor do que os dos PALOP

Investigadora aponta condições socioeconómicas e a integração de alunos dos PALOP. “Têm um português que é diferente do português académico que é exigido”

Cristiana Faria Moreira e Daniela Carmo

Os alunos estrangeiros provenientes de países onde se fala português têm mais dificuldade em concluir os vários ciclos sem chumbos nas escolas portuguesas, se os compararmos com os colegas de outras nacionalidades, ao passo que os alunos ucranianos e chineses, por exemplo, acabam por sair-se melhor nos vários níveis de ensino. Apesar de

falarem a mesma língua, há outros factores a contribuir para o seu desempenho, como sublinha Inês Tavares, investigadora do Observatório das Desigualdades do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) do Iscte, em declarações ao PÚBLICO, nesta quinta-feira. Entre elas estão as condições socioeconómicas destes alunos e a própria integração na escola.

A Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

98%

No 2.º ciclo, 98% dos alunos vindos da China concluíram este nível de ensino no tempo esperado

Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência publicou novos dados sobre alunos de várias nacionalidades

publicou novos dados que permitem comparar não só os percursos dos alunos de várias nacionalidades, como também os alunos que têm um perfil semelhante a nível nacional.

Olhemos para o 1.º ciclo: 93% dos alunos portugueses que frequentavam este nível de ensino no ano lectivo de 2022/2023 concluíram-no no tempo esperado, ou seja, nos quatro anos que dura este ciclo de ensino. Entre os alunos ucranianos, 85% conseguiram fazê-lo, assim como 78% dos alunos da Moldova e de Angola e 77% da China e de França. Por outro lado, foram os alunos oriundos do Nepal e da Índia que mostraram mais dificuldades em concluir este ciclo no tempo esperado: apenas cerca de metade o conseguiu atingir.

Isto poderá ser explicado pelo facto de muitos destes alunos chegarem à escola sem falarem uma palavra de português, mas não explicará tudo, uma vez que há uma grande percentagem de alunos provenientes do Brasil, de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, que têm maior familiaridade com a língua e que também não conseguem concluir o 1.º ciclo sem chumbos: apenas 72% dos estudantes brasileiros o conseguiram fazer.

“Mesmo sendo países em que, à partida, os alunos estão familiarizados com a língua, muitas vezes há outros factores [a contribuir para o seu desempenho escolar], até pela forma como os estudantes são percebidos pela escola e pelos professores, a integração que têm ou não têm, as condições sociais dos próprios alunos. Tudo isso é determinante”, frisa Inês Tavares, que é também uma das autoras do *Atlas dos Alunos Com Origem Imigrante*, publicado em 2023.

A investigadora recorda ainda que, no caso dos alunos provenientes de países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), “a escola também os vê de forma diferente, apesar de falarem português”. “Há estudos que demonstram isso: apesar de falarem português, têm um português que é diferente do português académico que por vezes é exigido nalguns contextos escolares”, diz Inês Tavares.

Já o presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas (Andaep), Filinto Lima, relaciona este indicador com o facto de muitos estudantes chegarem já “a meio do ano”.

“O que me dizem os pais brasileiros que vêm com os filhos para Por-

tugal, normalmente para o 1.º ciclo, é que a escolha pública brasileira está uma desgraça. E vêm para Portugal pela segurança e pela qualidade que reconhecem à escola pública”, explica o responsável, que nota: “Os alunos brasileiros tendem a entrar já no decurso do ano lectivo, quando já perderam muitas aulas. Também daí possa advir uma explicação para eles terem algum insucesso”, salienta Filinto Lima.

Nesta análise da Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, foram consideradas apenas nacionalidades com 100 ou mais alunos em cada ano lectivo. E parte de uma amostra.

“Alunos muito disciplinados”

No caso do 2.º ciclo (5.º e 6.º anos de escolaridade) há, aliás, um dado que salta à vista: 98% dos alunos chineses concluíram este nível de ensino no tempo esperado, ao passo que essa percentagem foi de 96% no caso dos alunos portugueses e de 94% entre os alunos ucranianos.

Novamente, foram os alunos de São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau os que revelaram maior dificuldade em concluir este ciclo no tempo esperado (porém, o universo de alunos a fazê-lo neste ciclo é mais elevado, fixando-se em 85% no caso dos alunos guineenses e sendo superior a essa percentagem para os alunos provenientes dos restantes países referidos).

Também no 3.º ciclo são estas as nacionalidades que ocupam os patamares inferiores de conclusão daquele nível de ensino sem retenções, onde apenas cerca de 60% dos alunos conseguiram concluí-lo em três anos.

Mais uma vez, são os estudantes chineses e ucranianos os que continuam a sair-se melhor também neste nível de ensino: 86% e 81%, respectivamente, concluíram este ciclo sem qualquer chumbo – essa percentagem foi de 89% entre os alunos portugueses.

Para Filinto Lima, o facto de estes estudantes estarem nos lugares cimeiros poderá dever-se ao próprio contexto socioeconómico e por serem “alunos muito disciplinados”. “Pode ter que ver com as dinâmicas migratórias que existem já mais ou menos enraizadas e com as pontes de apoio que existem ao sistema escolar, por exemplo”, refere, por sua vez, Inês Tavares.

Olhando agora para o ensino secundário, os dados mostram um cenário muito semelhante ao dos restantes ciclos: se 78% dos alunos portugueses conseguiram concluir este nível nos três anos, 74% dos estudantes chineses também o fizeram. Se compararmos estes alunos com colegas – de todas as nacionalidades – com um perfil semelhante (em termos de habilitação das mães, de apoios da Acção Social Escolar e de natureza pública ou privada da



Escolas

Notas internas nas privadas continuam a ser mais altas do que nas públicas

Daniela Carmo e
Cristiana Faria Moreira

Os alunos do ensino secundário que frequentam estabelecimentos de ensino público voltaram a registar, no ano lectivo de 2023/2024, médias de classificação interna (as notas que são atribuídas pelos professores da escola, antes da realização de exames nacionais) inferiores às do privado, como, de resto, tem sido comum há vários anos. O último ano lectivo não foi excepção e foi, aliás, o segundo em que se verificou uma diferença de quase dois valores (1,9), depois de em 2021/2022 o desalinhamento entre os dois sectores ter atingido o máximo de dois valores. De acordo com os dados da Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) publicados ontem, a média no público ficou-se, no ano escolar em análise, em 15 valores (numa escala de zero a 20) e em 16,9 no privado. E é nas disciplinas anuais que se verificam as médias mais altas.

O relatório *Análise das Classificações Internas nos Cursos Científico-Humanísticos 2017/18 – 2023/24* indica que as disciplinas anuais (as quais não estão sujeitas a exame) registaram classificações internas finais médias mais elevadas (17 valores no ensino público e 18,3 valores no ensino privado), quando comparadas com as disciplinas bienais ou trienais, à semelhança do que já se vinha a verificar nos anos anteriores.

Quanto às disciplinas que os alunos frequentam apenas durante um ano (no 12.º e de escolha opcional), destacam-se Aplicações Informáticas B e Inglês com as médias mais elevadas, entre as disciplinas com maior número de alunos, tanto nos estabelecimentos de ensino públicos como nos privados.

Os autores justificam a diferença assinalável entre os tipos de disciplinas com a própria natureza opcional no caso das anuais. Por outro lado, notam que também as bianuais são opcionais para os alunos, algo que torna “difícil argumentar que os alunos terão maior motivação e apetência para o conteúdo curricular de Economia C do que para o de Economia A, sobretudo verificando-se que esta subida de classificações acontece não só em Economia, mas também em todas as outras disciplinas do 12.º ano de áreas curriculares próximas das disciplinas do 10.º e 11.º”.

Por isso, a DGEEC levanta como possíveis justificações as próprias “dinâmicas induzidas pela importan-

cia das classificações internas destas disciplinas [anuais] no concurso nacional de acesso ao ensino superior”, assim como a “ausência nestas disciplinas do referencial de avaliação fornecido pelo exame nacional”, entre outras.

Nas escolas públicas, no leque das disciplinas bienais, atingiu-se no último ano lectivo o valor mais baixo nas classificações finais dos alunos dos últimos cinco anos, fixando-se em 14,2 valores. Já no que toca às trienais, a média foi de 15 valores. São valores distintos dos do privado, onde os alunos alcançaram médias de 16,7 nas disciplinas com três anos e de 16,3 nas bienais, “classificações em linha com o observado nos dois anos lectivos anteriores”, conforme consta do documento da DGEEC.

Por tipo, além de serem aqueles que têm mais inscritos, os cursos de ciências e tecnologias e de ciências socioeconómicas foram os que registaram também as médias de classificações internas finais mais elevadas, em ambos os sectores, e também foram os cursos em que a classificação média interna mais aumentou (mais 0,5 e 0,6 valores, respectivamente, entre 2017/18 e 2023/24) no caso do ensino público. No ensino público, as médias a estes cursos chegaram aos 15,5 valores em ciências e

tecnologias e a 14,9 nas ciências socioeconómicas.

Os valores das médias das classificações dos quatro cursos científico-humanísticos apresentam ligeiras variações ao longo do período em análise no ensino privado. O curso de ciências e tecnologias registou sempre a média de classificações internas mais elevadas, variando entre os 16,7 e os 17,3 valores no privado. O curso de línguas e humanidades, quase sempre com os valores mais baixos (entre 15,0 e 15,9), ainda assim foi o que registou o maior aumento da sua média de classificação interna (0,9 valores). No público, a média de línguas e humanidades foi de 14,2 pelo terceiro ano consecutivo.

No que respeita às disciplinas trienais, Educação Física continua a ser a que regista a média mais elevada, tanto no privado como no público. No lado oposto, é História A a disciplina com médias mais baixas, variando entre os 12,5 valores em 2017/18 e os 13,6 valores em 2023/24, no ensino público.

Quanto a Matemática A, os valores das médias de classificação final passaram de 13,4, em 2017/18, para 13,9 valores, nos últimos três anos, enquanto Português viu a média aumentar 1,1 valor entre 2017/2018 e 2023/2024, quando atingiu 14,1 valores, ano em que alcançou o valor mais elevado.

No básico, apenas 13% dos alunos com escalão A não reprovaram e passaram nos exames

Não é propriamente uma novidade, mas os alunos que beneficiam dos escalões A e B da Acção Social Escolar (ASE) saem-se pior do que os estudantes que não recebem qualquer apoio – tanto no ensino básico como no secundário.

Olhando para estes percursos directos de sucesso, que cruzam a percentagem de alunos que têm um trajecto sem retenções ao longo do 3.º ciclo do ensino básico e classificação positiva nas provas finais do 9.º ano, as raparigas (38%) obtêm melhores resultados do que os rapazes (34%).

No ano em análise, os distritos de Coimbra, Braga, Viseu e Viana do Castelo foram aqueles em que os alunos foram mais bem-sucedidos, com percentagens superiores a 41%. Nos distritos mais a sul do país, como Portalegre e Beja, apenas um quarto dos alunos terminou o 3.º ciclo nos três anos e com nota positiva nas provas finais. Alguns destes distritos correspondem também àqueles onde foram obtidas notas mais elevadas nas provas finais.

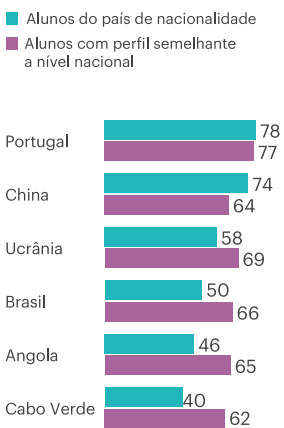


1,9%

Verifica-se uma diferença de quase dois valores (1,9) entre as notas internas das escolas privadas e as das escolas públicas

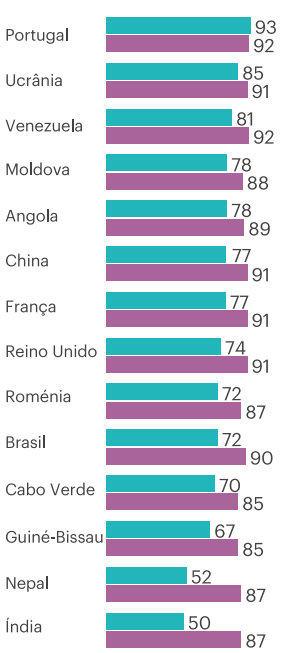
Alunos que concluem os cursos científico-humanísticos em três anos

Em %, por nacionalidade



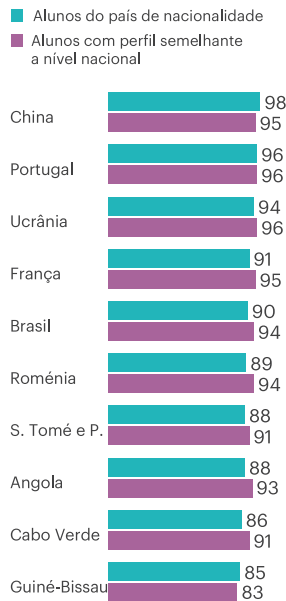
Alunos que concluem o 1.º ciclo em quatro anos

Em %, por nacionalidade



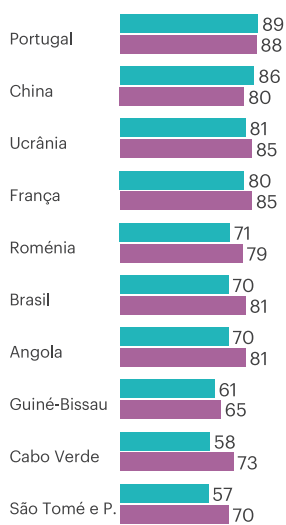
Alunos que concluem o 2.º ciclo em dois anos

Em %, por nacionalidade



Alunos que concluem o 3.º ciclo em três anos

Em %, por nacionalidade



Fonte: Portal INFOESCOLAS/MECI

PÚBLICO

escola), os estudantes chineses acabaram por superá-los: 64% desses estudantes concluíram o secundário no tempo esperado, ao passo que a taxa de conclusão dos alunos chineses foi dez pontos superior.

Também aqui os alunos do Brasil, de Angola e de Cabo Verde revelam maiores dificuldades: apenas 40% dos estudantes cabo-verdianos fizeram um percurso no secundário sem chumbos. Se olharmos para os alunos com perfil semelhante, 62%

conseguiram terminar o secundário nos três anos. Note-se que o secundário parece ser o nível de ensino no qual se verificam mais dificuldades de conclusão sem chumbos, o que está em linha com outros estudos, já que este é o único ciclo em que se verificam percentagens de conclusão abaixo de 50%.

“No secundário há sempre mais retenções e, se isolarmos por anos, é no 12.º ano” que mais chumbos se verificam, completa Inês Tavares.

Ensino**Alunos da China
e da Ucrânia
melhor do que
os dos PALOP**

Condições socioeconómicas, integração e português diferente do português académico pesam, segundo investigadora **Destaque, 2/3**